

# projeto

Cr\$ 32.000,00

155

Revista  
de arquitetura e  
interiores  
patrocinada pelo  
desenvolvimento  
imobiliário  
e construção

ISSN 1101-1765

## EURODISNEY

A presença da arquitetura  
internacional no parque francês

## RESIDÊNCIAS

Espaço de viver,  
de arquiteto para arquiteto

## INTERNACIONAL

Hiroo Naito:  
um pouco da arquitetura  
brasileira no Japão

## OPERA PRIMA

A avaliação dos jurts regionais

## SUPLEMENTO TÉCNICO

Projetos de piscinas/Fehab

## Quando o cliente é o próprio arquiteto

Texto  
Paulo Ormino de Azevedo

A prática profissional do arquiteto, tal como a conhecemos hoje, na qual o projeto precede e define a construção, não tem mais que cinco séculos de vida. A invenção do projeto foi tão importante quanto a criação da escrita, que introduziu a notação da fala e das ideias. O projeto não só revolucionou a prática profissional, como a própria história, na medida em que através dele o homem aprendeu a prever e organizar suas ações através de modelos, a controlar o futuro. Construtores existem desde tempos imemoriais, projetistas só a partir do Renascimento.

Projetar é interpretar as necessidades e aspirações da sociedade conciliando-as com limitações topográficas, financeiras e tecnológicas. Em outras palavras, projetar é transformar a aspiração em um modelo executável que, aprovado pela sociedade, deve se materializar.

O estúdio do arquiteto reproduz, desse modo, o drama pirandelliano dos personagens que vão em busca de um autor. Daí os frequentes conflitos entre projetista e cliente, mesmo porque, muitas vezes, o arquiteto não entende os personagens e confunde seus próprios dramas com os do cliente.

É pungente como sonhos e fantasias, muitas vezes ingênuos e inconsistentes, mas acalentados durante toda uma vida, podem ser destruídos lacônicamente e displicentemente pelo projetista, cioso de sua criatividade.

Há, naturalmente, muitos tipos de cliente. Em um extremo estão aqueles que constroem seu modelo como uma colagem de detalhes de revistas e sonhos e não conseguem apartar-se um só milímetro de sua miragem. Em muitos casos, só um analista pode, de ciência certa, desvendar tais fantasias e trazer o cliente para a real. Mas há também os clientes imaginosos, que não se prendem a um só modelo, capazes de sonhar de forma aberta. Com estes é sempre possível fazer uma verdadeira parceria.

No extremo oposto estão os clientes que aparentemente não fazem qualquer exigência ao arquiteto, querem apenas obter o máximo de espaço com o mínimo de custo. Estes não perseguem uma casa, um escritório ou uma loja, um espaço para viver ou trabalhar, senão um objeto de troca, um ativo real. Estes sim são os verdadeiros castradores, pois não permitem ao arquiteto qualquer manifestação gratuita. Parafraseando Churchill, podemos dizer que cada arquiteto tem o cliente que merece.

Esse quadro complicado não se torna mais simples quando o projetista e o cliente se confundem, o que vale dizer, sujeito e objeto são a mesma coisa. A anulação da distância entre projetista e cliente, ao invés de facilitar as coisas, conduz, na maioria dos casos, ao subjetivismo e ao radicalismo, com o risco de o projeto se transformar em uma especulação intelectual, em uma tese, da qual o arquiteto e sua família passam a ser prisioneiros. Casa de arquiteto é uma categoria à parte, como o é a arquitetura dos concursos públicos, as duas muito semelhantes no que contém de intelectualismo e caprichos personalistas, já que a antítese, representada pelo cliente, não existe ou é muito difusa, inviabilizando uma verdadeira síntese.

No início da carreira, o arquiteto sonha com a casa própria como uma espécie de "produção independente", livre de condicionamentos sociais e mercadológicos, onde pode dar asas à imaginação e firmar uma teoria própria. Embora tal independência seja relativa, algumas dessas casas foram fundamentais na difusão de novos conceitos e projeção profissional de seus jovens autores. Mas o esquematismo de algumas soluções os tornou presas de suas próprias teses.

A casa de Philip Johnson em New Canaan, Connecticut (1945/49), é bem um exemplo desse fato. Decalcada da obra de Mies van der Rohe, especialmente do projeto da Casa Farnsworth, Johnson radicalizou as posições do mestre da Bauhaus e construiu um verdadeiro aquário em meio ao campo, sem nenhuma parede divisória salvo o cilindro que abriga o sanitário. Segundo se diz, Johnson não recebe nem as pessoas mais próximas sem hora marcada para não ser molestado em sua intimidade.

A casa de Robert Venturi, em Chestnut Hill (1962), Filadélfia, pode ser considerada uma das primeiras manifestações pós-modernistas e um exemplo da "complexidade e contradição em arquitetura", título de seu ensaio pioneiro, publicado cinco anos mais tarde.

No Brasil, as casas de arquitetos foram laboratórios de experimentação e marcos balizadores do desenvolvimento da arquitetura moderna. Warchavchik só conseguiu impor sua nova arquitetura, ludibriando inclusive a censura estilística da prefeitura de São Paulo, com a construção de sua própria residência (1927/28).

Contemporaneamente a Johnson, Lina Bo Bardi conciliou transparência e privacidade em sua casa do Morumbi elevando a caixa de vidro ao nível das copas das árvores. Avançava, assim, na trilha aberta por Mies, ao invés de copiar servilmente o velho mestre. Esta casa de elegância clássica marca o debut entre nós não só da grande projetista, como de uma

arquitetura de estrutura e geometria depuradas, caminho com Lina no Masp e por Oswald Bratke em sua residência (e outras casas que se seguiram em São Paulo).

Quando Sérgio Bernardes construiu sua casa (1960/61) na aveyer, no Rio de Janeiro, já era um arquiteto consagrado por suas burguesas naquela cidade e em Petrópolis, mas não perdeu a de para tentar uma série de inovações construtivas e formais: seu próprio escritório, anexo. Sérgio procurou ali fazer o casamento com a modernidade, duas vertentes de sua clientela, criando uma paisagem deslumbrante da entrada da baía da Guanabara uma ciclopa, que pouco difere das velhas fortificações coloniais, e sobre ela uma caixa transparente e levíssima. Nesta casa, rig modulada, Sérgio aplicou as técnicas e materiais mais avançados ventados por ele próprio, como o telhado de meio tubo e o cut oco. A casa transformou-se, assim, em um book de sua arquitetura apêndice do escritório, para o incômodo de seus familiares.

A nova arquitetura paulista, profundamente influenciada pelo b Vilanova Artigas, tem alguns dos seus melhores momentos nas de dois de seus alunos e continuadores: Paulo Mendes da R Ohtake, do início dos anos 60. São casas com pequenas alcovas minadas zenitalmente e grandes salões e varandas, tudo, inclusive rio, construído em um só material: o concreto. A fundição do m foi ditada apenas por razões econômicas, senão para definir e espaços indivisivos. Na prática, porém, impôs limites à participação na reapropriação dos espaços através do arranjo dos móv

À meia altura da vida profissional, com as oportunidades havi perências realizadas, o arquiteto persegue apenas uma casa c mista, sem preocupação de inovar per se. Corbusier, por exe vés de construir uma casa-tese optou, na maturidade, por ur cobertura (1933) em um edifício projetado por ele próprio em duas etapas de vida profissional são perfeitamente reconhec de casas de Oscar Niemeyer, a curvilínea da Gávea (1953), n neiro, e a despojada residência de Brasília, acidamente cla neocolonial por seus críticos.

Outra característica da autoproteção é a maneira de conceit e desenvolver as obras. Os documentos aprovados junto aos nicipais são mais um plano de intenções que um projeto ac durante a construção plantas, cortes e fachadas são adaptai mo alterados em função da vivência da obra, situação que di reproduz na prática profissional. Retorna-se, assim, a formas p tistas de construir, em que o projeto era apenas um roteiro gei do durante a obra por cada grupo de artesãos convidados a

Taliesin East, no Wisconsin, residência de Frank Lloyd Wright, 1925 no local onde o fogo, em duas oportunidades, destruiu c res, numa delas matando sua primeira esposa e dois filhos concluída em 1959, quando o arquiteto morreu. O mesmo aci Taliesin West, no Arizona, iniciada em 1938, comprovando q se deveu a uma circunstância, senão a uma atitude. Nestas c criou alguns de seus melhores espaços, que reproduziria, m outras residências.

Em um dos seus numerosos escritos, Wright conta que inste cer a nova casa de um amigo surpreendeu-se com a qualidade tura. Após alguns minutos de perplexidade conseguiu resolv "Já sei, esta casa não foi projetada, senão construída", no q mado pelo amigo não arquiteto. Para trabalhar diretamente os espaços, como se fazia antes do Renascimento, basta ser tor. Mas muitos arquitetos, Wright inclusive, voltaram às orig um laboratório, para fazer novas experiências e descobertas.

Gaudí foi além: construiu boa parte da Sagrada Família em B um projeto acabado, dizendo que isso era atribuição das gere Essa foi, aliás, a prática vigente durante o período colonial ent cialmente nas obras de maior fôlego, como igrejas e convento taurou na Sagrada Família a tradição da arquitetura aberta, o Renascimento.

Recuando e avançando, experimentando a vacina no próprio se desenvolve nossa profissão. Ofício que se propõe a uma se impossível de transformar a ilusão em realidade. Só quand para nós mesmos, quando somos o autor e também o pers damos conta da enorme distância que existe entre o sonho e que este será sempre mais belo que a obra acabada.

## Residência Paulo Ormino e Esterzilda de Azevedo

Ormino de Azevedo,  
Esterzilda de Azevedo

Arquiteto:  
Ormino de Azevedo

BA



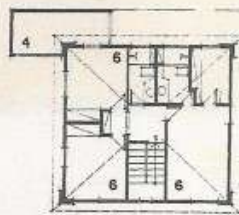
A casa atende às necessidades de uma família nuclear de cinco pessoas (casal mais três filhos menores) de hábitos caseiros. O casal exerce parte de suas atividades profissionais em casa: concepção de projetos, preparo de aulas e elaboração de artigos e relatórios.

O lote escolhido, de forma trapezoidal, é lindeiro com uma rua tranqüila e uma passarela de pedestres e está localizado na parte alta de uma das colinas do Itaigara, próximo à Pituba, em Salvador. Sua pequena altura (1,50 m) sobre a rua garante à casa intimidade e domínio sobre aquela via.

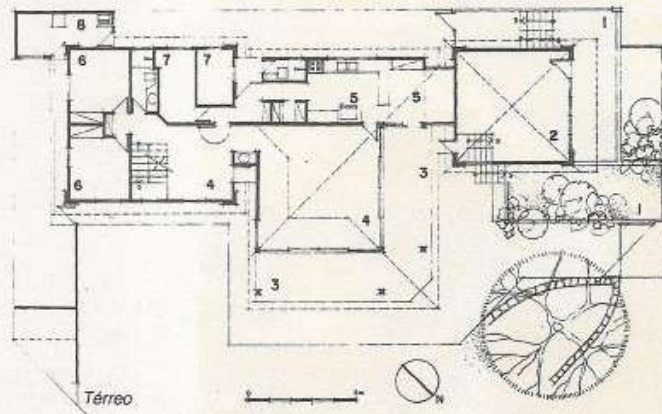
O projeto aprovado na prefeitura foi desenvolvido e detalhado "ao vivo" durante a execução da obra pelos projetistas/construtores.

A casa é constituída por três volumes interligados com estrutura parietal e lajes pré-fabricadas, recobertos por estruturas piramidais de madeira e telhas-canal claras. O telhado da parte social é aparente e se abre em lanternim para melhor iluminar e ventilar o living.

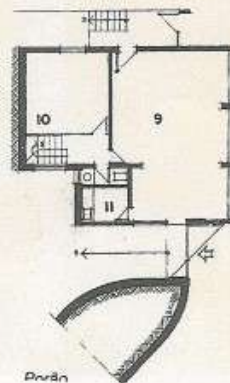




1.º pavimento



Térreo

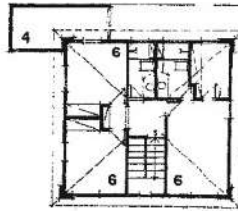


Garagem

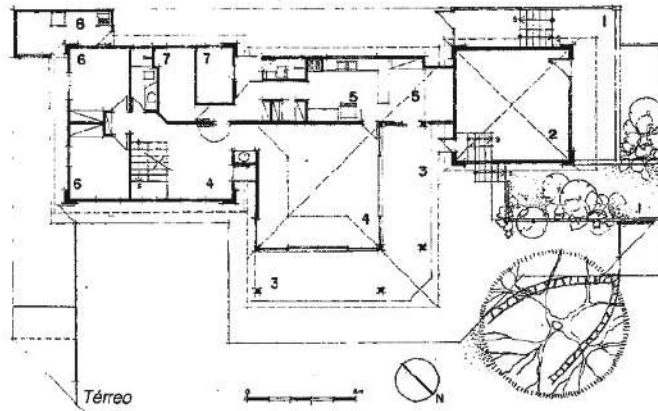
1. Terraço
2. Estúdio
3. Varanda
4. Sala
5. Cozinha/copa
6. Quarto
7. Quarto de empregada
8. Lavanderia
9. Garagem

Equipe técnica  
Arquitetura e  
Ormindo e E  
Estrutura: N  
Elétrica e hie  
Azevedo Fili  
Fotos: Paul

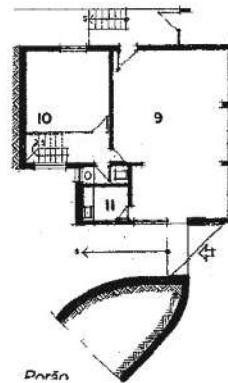
Ficha técnica  
Residência  
Esterzilda d  
Local: Salve  
Data do pro  
Área do ter  
Área constr  
Fornecedor  
(blocos lam  
(lajes pré-f  
Albino (tel  
lisa (azulej



1.º pavimento



Térreo



Drivão

1. Terraço
2. Estúdio
3. Varanda
4. Sala
5. Cozinha/copa
6. Quarto
7. Quarto de empregada
8. Lavanderia
9. Garagem

Equipe técnica  
Arquitetura e E  
Ormindó e E  
Estrutura: Ni  
Elétrica e h/c  
Azevedo Filh  
Fotos: Pauli

Ficha técnica  
Residência  
Esterzilda d  
Local: Salv  
Data do pro  
Data da con  
Área do ter  
Área constr  
Fornecedor  
(blocos lam  
(tapes pré-f  
Albino (tel:  
lata (azulej